

A HEVEICULTURA NO VALE DO TAPAJÓS

Maj Eng DARINO CASTRO REBELO
Oficial de Estado-Maior

1. UM POUCO DE HISTÓRIA DA BORRACHA

- 1.1. Na segunda viagem de Cristóvão Colombo à América (1493 a 1496) parece ter o famoso genovês tomado conhecimento da borracha nativa, na atual Ilha de Haiti — São Domingos, antiga Espanhola.
- 1.2 Segundo consta, foram os índios omáguas ou cambebas que começaram a utilizar o látex. Viviam em região acima da foz do Rio Negro, no Amazonas. Frei Manoel da Esperança, catequizador desses silvícolas, levou para Belém a notícia sobre o látex e sua indústria rudimentar.
- 1.3. Os sertanistas do Pará e do Maranhão, predadores de índios e negociantes, notadamente com as chamadas “drogas do sertão”, tomaram interesse pela borracha e seus artefatos, pelo valor comercial despertado. Depois de 1720, em pleno ciclo da mineração na região Centro-Sul do país, foi criado o comércio da borracha, evidentemente de forma incipiente. Em 1759 o governador da então Capitania do Grão-Pará ofereceu ao rei de Portugal um terno impermeabilizado com borracha, possivelmente a primeira manufatura de certa importância, feita com aquele produto. Por volta de 1762, o botânico Fusée Aublet descreveu e classificou a seringueira, denominando-a de “*Hevea Brasiliensis*”.
- 1.4. No início, os seringais nativos foram localizados na Ilha de Marajó e outras ilhas situadas no estuário amazônico, assim como nas margens dos rios Capim, Guamá, Acará e Moju. Mais tarde foram encontrados nas regiões dos rios Xingu, Tapajós, Madeira, Juruá, Purus e Javari. As árvores mediam de 25 a 30 metros de altura e um diâmetro de 0,60 a 1,50 metros, chegando às vezes, a quatro metros de circunferência.
- 1.5. No ciclo da borracha, o braço escravo importado da África foi inexpressivo. Seu elemento humano preponderante foi o nordestino, que no Século XIX empreendeu o desbravamento da Amazônia, a procura dos seringais nativos dos vales do Tocantins, Tapajós e Xingu, seguindo-se depois a dos situados no Acre, a partir da grande seca de 1877, que iria povoar a grande

área, mais tarde adquirida à Bolívia por dois milhões de libras e o compromisso de construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, segundo o Tratado de Petrópolis, negociado por Rio Branco em 1903. A exploração desenfreada e predatória dos seringais da Amazônia fizeram de Belém e Manaus capitais de fausto e de grande progresso, criando verdadeiras lendas sobre as opulências e esbanjamentos a que se entregavam os seringalistas, hoje contadas com alguma tristeza e mágoa.

- 1.6. Em 1839 Charles Goodyear descobriu a vulcanização, tornando a borracha por este meio, de grande importância e utilidade, um produto de larga aplicação industrial. As conseqüências imediatas foram o aumento do consumo, disponibilidade da matéria-prima inferior à demanda e elevação de preços no comércio internacional. Por volta de 1890 a difusão da bicicleta, com roda de borracha, é grande. Cinco anos mais tarde os automóveis passam a utilizar pneumáticos em suas rodas. As exigências do consumo crescem de ano para ano com a expansão da indústria automobilística.
- 1.7. No ano de 1875 o navio "Amazonas" leva para a Inglaterra cerca de 70.000 sementes de seringueiras, despachadas clandestinamente por Henry Wickham, que foram cultivadas no Jardim Botânico de Kew. Somente 2.390 germinaram. Em agosto do ano seguinte, aproximadamente 1.920 mudas tomaram o caminho de Ceilão. Assim os ingleses iniciam a heveicultura em suas colônias asiáticas (Ceilão, Bornéu, Java e Sumatra), todas situadas em região equatorial como a Amazônia. Em 1910 chega ao mercado mundial a borracha cultivada no sudeste da Ásia, em franca competição à borracha nativa brasileira, então no apogeu, dominando amplamente o comércio internacional. O curioso é que a princípio os plantadores asiáticos reagiram em substituir suas plantações de café, cuja cultura foi levada da África Oriental, inicialmente pelos muçulmanos, mais tarde pelos holandeses e franceses, pelas de borracha. Assim, enquanto os asiáticos substituem suas culturas de café pelas de seringueiras, a cafeicultura em São Paulo se expande, de tal sorte que a partir de 1880, saem pelo porto de Santos cerca de cinco milhões de sacas de 60 quilos.
- 1.8. Em 1905 as plantações do Oriente produzem 145 toneladas de borracha, no ano seguinte sobem a 510 toneladas e atingem 8.000 em 1910. Enquanto isto, o Brasil continuava a tirar partido da demanda no comércio mundial, embora sem melhorar os meios de produção, como faziam os ingleses na Ásia. O preço alcança o máximo de 3,06 dólares à libra. Mas já em 1913 desce, calamitosamente, para 0,65, chegando ao irrisório valor de 0,115 por libra, em 1921. Era o golpe de misericórdia na borracha de coleta do vale amazônico. Isto porque, já no início da Primeira Grande Guerra a produção da borracha plantada na

Ásia, atingia a 72.000 toneladas anuais, enquanto a de coleta e nativa do Brasil, não passava de 37.000. Para enfrentar a grave situação da baixa produtividade e preço vil, o Brasil ensaiou fraca reação, criando a Superintendência da Defesa da Borracha, em 13 de junho de 1912, sem resultado animador, tornando-se órgão burocrático, ineficiente e oneroso. É interessante assinalar, que nessa época a pauta de nossa exportação de borracha se aproximava da do café.

- 1.9. O preço de 3,06 dólares por libra alcançado em 1910 estimulou a pesquisa nos laboratórios, visando a obtenção do produto sintético. Tão vitoriosas foram estas pesquisas, que no início da Primeira Grande Guerra os alemães começaram a produzi-lo numa usina, com a capacidade de 24.000 toneladas por ano.
- 1.10. Na década de 1915 a 1925, a maior produção brasileira de borracha foi obtida em 1917, num total de 33.988 toneladas, e a menor ocorreu no ano de 1921, cêrca de 17.439. Seu preço era 20 vezes inferior ao de 1910. A Amazônia se acomoda com sua produção de borracha, estagnada. Já os inglêses a incrementam cada vez mais, obtendo em 1930 a apreciável marca de 820.000 toneladas e dez anos mais tarde, cêrca de 1.400.000.
- 1.11. A guerra no Oriente privou os Estados Unidos das fontes de produção de borracha natural, a partir de 1941. Na terceira Reunião de Consulta dos Chanceleres americanos, foram estabelecidas as bases de fornecimento mútuo de materiais críticos e estratégicos, entre os quais estava a borracha. Como consequência dos melhores preços e financiamentos amplos, a Amazônia recebeu de 15.000 a 30.000 nordestinos, para a chamada "batalha da borracha", conseguindo aumentar a produção, ao máximo de 30.593 toneladas, em 1945.
- 1.12. O Banco da Borracha foi fundado em 1942, objetivando proporcionar financiamentos e incentivos aos seringueiros para aumento da produção de coleta, a fim de cooperar com o esforço de guerra dos aliados às potências do Eixo. Oito anos mais tarde é transformado no Banco de Crédito da Amazônia, embora funcionando independentemente da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), criada pela Lei n.º 1.106 de 6 de janeiro de 1953, como decorrência do artigo 199 da Constituição Federal de 18 de setembro de 1946.
- 1.13. Tendo em vista o desenvolvimento da indústria de artefatos de borracha no País, particularmente a de pneumáticos, bem como a produção insuficiente de borracha na Amazônia, o Governo Federal promulgou leis em 1952 e 1954 determinando a ampliação de 20% dos lucros dessa indústria em plantações de seringueiras. Atualmente, estima-se que existam cêrca de 500.000 seringueiras plantadas na região Bragantina do Pará, 50.000 no núcleo Colonial do Guamá, próximo de Belém, 40.000

na Colônia Militar do Oiapoque, 2.000.000 no Território do Amapá, 2.000.000 em Belterra, 8.000.000 no Sul da Bahia e 1.000.000 nas regiões de Ubatuba e Iguapé, em São Paulo. Nas regiões Bragantina, Sul da Bahia e Sudeste de São Paulo, por iniciativa daquelas Companhias; em Belterra, por iniciativa da Ford, como veremos mais adiante; nas demais citadas, por iniciativa oficial. Levando-se em conta que a seringueira começa a produzir depois de oito a dez anos de plantada, o cumprimento daquelas leis, hoje já deveriam estar causando efeito benéfico na colheita de látex no país, o que, infelizmente não acontece.

- 1.14. Em virtude da produção de borracha natural não satisfazer a demanda interna, obrigando até a importação, parece que o Brasil tenderá para o incremento de sua produção de borracha sintética. Junto à Refinaria de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, já se encontra em funcionamento a primeira fábrica de borracha sintética do país, com capacidade de 40.000 toneladas por ano, aproveitando subproduto do petróleo, e em Pernambuco, encontra-se em fase final de instalação a fábrica da Companhia Pernambucana de Borracha (COPERBO), com capacidade inicial de 20.000 toneladas, aproveitando o álcool obtido da cana-de-açúcar.
- 1.15. No ano de 1963 o Brasil importou 21.000 toneladas de borracha, no valor aproximado de 7,6 bilhões de cruzeiros, produziu 30.000 toneladas de borracha sintética e 25.000 toneladas de borracha natural. Aí está definido o triste papel desempenhado pela produção de borracha nativa na Amazônia, relegada a plano inferior pela novel indústria de borracha sintética.

2. CONCESSÃO A COMPANHIA FORD

- 2.1. Pelo ano de 1925 as companhias americanas produtoras de borracha natural, na Ásia, firmaram um convênio com o fim de forçar a alta do produto. Henry Ford, famoso industrial que ligou seu nome à indústria automobilística, para ficar livre das imposições daquele convênio, resolveu plantar seringueira no seu próprio habitat, na Amazônia, de forma metódica e intensiva. Para isso tratou de obter uma concessão do governo brasileiro que lhe permitisse concretizar o ambicioso empreendimento. Mas não foi fácil. A gritaria dos políticos aproveitadores e "nacionalistas" da época, foi grande, tal como hoje contra o Instituto Interamericano de Pesquisas Tropicais, apontado como a pretender criar condições para internacionalizar a Amazônia. Felizmente, venceu o bom senso dos "entreguistas" e a concessão foi dada em 1927, sem que se concretizasse o preságio das aves agoureiras.
- 2.2. Foi escolhida uma grande área de terreno no município de Aveiro, no vale do rio Tapajós, no Pará, cerca de 200 quilôme-

tros da cidade de Santarém. A posição face aos centros de consumo da borracha nos Estados Unidos, era muito mais vantajosa do que a dos seringais ingleses no Sudeste da Ásia, reduzindo as distâncias de transporte a um quarto, oferecendo ainda a vantagem da localização da fonte de produção, em território sul-americano. A partir de 1928 começaram a chegar toda sorte de material, em embarcações de grande calado, tornando necessário a realização de transbordo das cargas para embarcações menores, no porto de Santarém. A região começou a sentir o esforço benéfico do empreendimento ao ser feito o recrutamento da mão-de-obra, no próprio meio amazônico. A Companhia passou a fazer o saneamento da área, construção de casas, instalação de grupos geradores, oficinas de carpintaria e mecânica, instalação de água encanada, rede de luz elétrica, hospitais, escolas, igreja e demais instalações necessárias a um núcleo populacional promissor. Logo foi iniciada a plantação de seringueiras, sob a supervisão de James R. Weir, que fôra Diretor do Instituto de Pesquisa de Borracha da Maláia, contratado agora pela Ford. A região recebeu o nome de Fordlândia, como homenagem ao notável industrial norte-americano, idealizador do projeto e seu financiador.

- 2.3. Por volta de 1939 começaram a aparecer pragas e fitonoses nas seringueiras plantadas em número aproximadamente de 1.200.000 pés, prejudicando o crescimento e a futura produtividade. O combate químico então realizado não produziu os efeitos desejados. Para combater um fungo pernicioso que também apareceu, esteve na região um entomologista americano de fama mundial, cujos resultados de sua passada por lá, não foram animadores. Mas o Dr. Weir não se intimidou. Como resposta ao desafio do ambiente ingrato, criou um Departamento de Pesquisas para tentar o melhoramento da seringueira e sua cultura. Entretanto, o terreno acidentado de Fordlândia onerava o plantio, que aliado às pragas e fitonoses, impôs a seguinte reflexão: a permanência na região levaria ao completo fracasso da empresa, face aos resultados até então alcançados; em outra região mais favorável, talvez melhores resultados podessem ser conseguidos.
- 2.4. Foi assim, que a 4 de maio de 1934 a concessão feita à Ford sofreu modificação, nos termos da permuta realizada de comum acordo entre o Estado do Pará e a concessionária, com a troca de uma área de 285.500 hectares, localizada nos fundos da antiga concessão, por outra situada na mesma margem do rio Tapajós, porém, cerca de 150 quilômetros abaixo do rio e 40 quilômetros de Santarém, que veio a constituir o atual núcleo denominado Belterra. Até 1940 haviam sido plantados 5.820 hectares com 2.000.000 seringueiras. O povoado se expandiu. Houve verdadeiro fluxo de progresso na região, com reflexos favoráveis no comércio e na assistência médica e social da po-

pulação. Mas o nôvo lugar não se revelou melhor do que o primeiro. As árvores foram atacadas por pragas e doenças, reduzindo as possibilidades de ser conseguida regular produtividade. Para um empreendimento de iniciativa privada visando o lucro como objetivo principal, o golpe era aterrador e fatal. O fracasso de Fordlândia se propagava à Belterra.

- 2.5. A luta foi grande durante quase vinte anos, porém os resultados práticos ficaram aquém do suportável a um estabelecimento industrial de iniciativa privada. Após o término da Segunda Grande Guerra e da morte de seu filho Edsel, Henry Ford decidiu desfazer-se da empresa. Os acervos da Companhia Ford no Pará foram postos à venda. Consta que a Goodyear esteve interessada, mas recuou ao tomar conhecimento da fôlha de pagamento do pessoal estável. Foi aí que o Governo Federal, julgando ser negócio favorável, adquiriu por 5 milhões de cruzeiros, importância esta inferior 40 vezes à invertida pela Ford.

3. A CONCESSÃO DEPOIS DA FORD

- 3.1. O negócio com a Ford foi realizado pelo Governo Federal através do Banco de Crédito da Borracha (hoje Banco de Crédito da Amazônia), em 28 dezembro de 1945. Daquela época até 18 de julho de 1958, o acervo adquirido ficou a cargo do Instituto Agrônômico do Norte (IAN), que aumentou o referido patrimônio territorial com a aquisição da Fazenda Daniel de Carvalho, situada à margem esquerda do rio Tapajós, mas para fins criatório e não plantação de seringueira. Em 18 de julho de 1958, pela Lei n.º 3.431, foi criado o Estabelecimento Rural do Tapajós (ERT) englobando Fordlândia, Belterra e Fazenda Daniel de Carvalho, com personalidade própria e de natureza autárquica, subordinado ao Ministério da Agricultura. Finalmente, em 11 de outubro de 1962, pela Lei Delegada n.º 11, foi o ERT incorporado à Superintendência da Política Agrária (SUPRA), de triste memória. A Delegacia Regional da SUPRA no Pará compreendia, além do ERT, o Núcleo Colonial de Monte Alegre, o Núcleo Colonial do Guamá, a Hospedaria Rural do Tapanã e o Pôsto de Imigração do Pará (Agência de Belém). A Delegacia foi entregue a um deputado estadual comunista, que tentou agitar os meios rurais, levando o órgão ao descrédito e à ruína, felizmente afastado após a revolução de 31 de março de 1964.
- 3.2. A Direção do IAN julgando improdutivos, comercialmente, os seringais de Fordlândia, resolveu transformar a área em campo de pastagem, passando a utilizá-la como criatório de gado de raça. As seringueiras se transformaram em mato, entregues à "doença das fôlhas" e à "môscas de renda", pragas que os técnicos da Ford não conseguiram debelar. Aumentaram os plan-

téis de raça Nelore (gado de corte), Red Sindi (gado leiteiro), Sindi-Jersey e Guzerá (gado de corte e leiteiro) e bufalo. Existiam no ano passado: 1.900 cabeças de gado em Fordlândia; 2.200 na Fazenda de Daniel de Carvalho; e 20 em Belterra. Talvez venha a ser explorada esta atividade econômica nos terrenos da antiga concessão Ford, onde se observa hoje o abandono e o desinteresse pela heveicultura.

- 3.3. Dos 285.500 hectares de Belterra, hoje apenas 6.672 estão plantados com seringueiras em número de 1.500.000, das quais 640.000 estão em corte; 160.000 existentes dentro da área de seringueiras de corte, deveriam ser utilizadas pela Seção de Fitotécnica e Técnica Experimental para pesquisa; o restante não oferece condições de corte por sua baixa produtividade, já verificada, havendo necessidade de ser instituído um programa de eliminação dessas árvores, para dar lugar à plantação de novas mudas mais resistentes, se o objetivo fôr realmente o de produzir borracha. Em 1964 a produção de borracha de Belterra ficou em torno de 420 toneladas, com uma média de 35 toneladas mensais.
- 3.4. O ERT é um verdadeiro "elefante branco", órgão burocrático destinado a proporcionar "emprego" aos afilhados políticos. Em junho de 1964 figuravam nas suas folhas de pagamento: 8 funcionários da Agência de Belém; 877 de Belterra; 303 de Fordlândia; 67 da Fazenda Daniel de Carvalho; e 4 de Santarém. Total: 1.259 funcionários, acarretando uma despesa mensal em torno de 78 milhões de cruzeiros. A produção mensal da borracha bruta ao custo médio de um mil cruzeiros por quilo, proporcionou uma arrecadação de 35 milhões de cruzeiros. A criação de gado não deve cobrir o restante para completar os 78 milhões, só com a folha de pagamento do pessoal. Desta maneira, pode-se concluir com facilidade que é mais um órgão a pesar no orçamento da União, com mais de meio bilhão de cruzeiros por ano.
- 3.5. Em setembro de 1964 estive em Belterra, tendo assim a oportunidade de constatar "in loco" a incúria e abandono dos seringais. Foi com tristeza que vi o mato, ervas daninhas e até cupim, graçando devastadoramente as quadras de seringais, transformando-as em mata agressiva e improdutivo. Foi o que consegui a demagogia política e o aliciamento à subversão no meio agrário, tão do agrado dos dirigentes da SUPRA.
- 3.6. Como conseqüência da revolução de 31 de março, o Congresso Nacional votou a Lei n. 4.504, de 30 de novembro de 1964, que dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências, como no seu artigo 116, que revoga a Lei Delegada n. 11, de 11 de outubro de 1962, extingue a SUPRA e transfere suas atribuições ao Instituto Brasileiro da Reforma Agrária (IBRA).

Parece que, de acôrdo com essa Lei, o ERT passará para o IBRA, devendo ficar subordinado à Delegacia Regional do IBRA no Pará. Não será medida feliz. Mudará apenas de nome. Possivelmente não teremos, nem produção de borracha em escala econômica e nem colonização. Assim, o grandioso sonho de Henry Ford de produzir borracha cultivando a seringueira racionalmente no vale do Tapajós, chegará ao melancólico fim do esquecimento, apenas lembrado numa triste página da história da heveicultura na Amazônia.

4. CONCLUSOES

- 4.1. As seringueiras plantadas oferecem mais fácil coleta e proporcionam maior produtividade do que as nativas, disseminadas em grande área, tornando baixo o rendimento da coleta do látex.
- 4.2. Os preços altos, o desenvolvimento do emprêgo na indústria e o espírito empreendedor, levaram os ingleses a plantar, racionalmente, as seringueiras no Sudeste da Ásia e os cientistas, a pesquisar nos laboratórios a borracha sintética.
- 4.3. Parece que Henry Ford foi menos astuto do que seus avós ingleses ao pretender cultivar a seringueira no vale do Tapajós, não levando em conta as condições reais que iria enfrentar, talvez até por ignorância, o que não diminui o êrro do planejamento. O resultado é que, seis anos após o início da plantação em Fordlândia, foi obrigado a mudar para Belterra, antes mesmo que as árvores ficassem em condições de corte. Ainda na segunda região escolhida não foi feliz, levando-o, onze anos mais tarde, a abandonar o empreendimento. Num ponto foi prático e inteligente: quando percebeu a inutilidade do esforço despendido, as adversidades do meio insensíveis às providências tomadas, renunciou hàbilmente ao projeto tão ambicioso. Passou-o adiante com grandes prejuízos, mas não ficou com aquêlo pêso morto a perpetuar uma improdutividade incômoda.
- 4.4. Depois da Ford, os seringais de Fordlândia e Belterra ficaram entregues à sanha dos políticos, desvirtuando os objetivos de produzir borracha, passando então a produzir votos. A esta-tização mais outra vez revelou que o Estado, normalmente, não é bom empresário, no sentido industrial de produtividade, ficando a idéia de que estatizar "é sinônimo de tornar uma empresa deficitária, pela elevação desmedida dos salários e pela diminuição da sua produtividade".
- 4.5. Há necessidade de uma providência que restitua o interêsse pela heveicultura no vale do Tapajós. Parece que uma solução seria o ajuste comercial com as Companhias de pneumáticos,

de acôrdo com as Leis de 1952 e 1954, que determinam a aplicação de 20% dos seus lucros dessa indústria, em plantações de seringueiras.

- 4.6. Espera-se que a Direção do Instituto de Reforma Agrária, ao tomar conhecimento da verdadeira situação dos seringais de Fordlândia e Belterra, através do relatório que deve ser feito pela Delegacia Regional do IBRA no Pará, tome as providências reclamadas, no sentido de aliviar o orçamento da União do peso tão incômodo, em benefício de uma produção de borracha à altura das necessidades nacionais.



VOCÊ QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais um assinante para a **DEFESA NACIONAL**, e estará assim contribuindo para o engrandecimento de sua Revista, QUE PRECISA DE VOCÊ.